

**PECADORES:
o vampirismo cultural e a apropriação do blues**

**SINNERS:
cultural vampirism and the appropriation of the blues**

Ana Clara Toledo Corrêa de Castro¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho justifica-se pela necessidade de analisar a forma latente de violência contra a cultura afro-americana, pautada na apropriação cultural. O que aparenta ser uma admiração da cultura, torna-se uma forma de negar a ancestralidade daquela forma de arte, atrelada às religiões demonizadas pelos próprios que desejam se apropriar dela. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar a forma como o blues é representado no filme, destacando sua dimensão de ancestralidade, liberdade e resistência. Busca-se ainda compreender de que maneira a apropriação cultural é tematizada na narrativa, revelando a demonização da cultura afro-americana e o contraste entre sua expressão autêntica e sua apropriação esvaziada. Para objeto de estudo, será utilizado o filme “Pecadores” de 2025, dirigido por Ryan Coogler. O longa metragem traz, de forma extremamente metafórica e poética, como a cultura negra pode ser sugada e cuspidada como uma forma insossa de arte, que não possui seu valor simbólico e afetivo. A figura do vampiro irlandês Remmick simboliza a tentativa de usurpar a cultura negra para suprir a ausência de vínculos com sua própria ancestralidade, sequela da colonização irlandesa sofrida pela Inglaterra. Nesse sentido, segundo Francis Bebey (1975, *apud* Floyd, 1995), a música africana traduz experiências cotidianas, naturais e sobrenaturais, o que permite compreender o blues como canal de memória e espiritualidade, conectado à tentativa de Remmick resgatar sua própria cultura.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“O *blues* não foi imposto a nós como religião, não, filho, isso nós trouxemos de casa. O que a gente faz é magia, é sagrado e rico... E esse ritual vai curar nosso povo e nos libertar.” (Pecadores, 2025) No Mississippi de 1932, a segregação racial e as leis Jim Crow restringiam o acesso da população negra à educação, transporte, trabalho e espaços

¹ ana.tolledocastro@gmail.com ; PUC Minas Campus Coração Eucarístico

públicos, além da constante ameaça de violência de grupos supremacistas. A música funcionava como meio de criação de espaços próprios para tocar, dançar e celebrar a cultura negra, reafirmando identidades e resistência coletiva. O *blues*, resultado da combinação de *Spirituals* e *Work Songs*, emerge como mecanismo de sobrevivência, memória cultural e preservação da identidade afro-americana (Hurstun, 1934). A apropriação cultural, por outro lado, descontextualiza e explora manifestações, esvaziando seu valor simbólico e afetivo. A apropriação cultural é uma característica onipresente do mundo contemporâneo. Young oferece a primeira investigação filosófica sistemática das questões morais e estéticas que surgem quando a apropriação ocorre no contexto das artes (Young, 2008). Lipsitz (1994) complementa, observando que o blues foi frequentemente apropriado, reduzido a produto comercial e desprovido de seu contexto histórico. No filme *Pecadores*, o vampiro irlandês Remmick simboliza quem carece de cultura própria e tenta usurpar a dos outros para suprir a falta da própria história, refletindo a colonização irlandesa pela Inglaterra. Bauman (2012) observa que “a cultura é um esforço perpétuo onde criatividade e dependência são os elementos indispensáveis da existência humana, pois não apenas são condicionados, mas sustentam-se mutuamente, não havendo como transcendê-la”. A arte surge junto à humanidade, e a desconexão cultural, como nos vampiros, gera uma existência sem propósito vital. Dessa forma, o referencial teórico utilizado privilegia, majoritariamente, autores negros que discutem a própria cultura e luta, oferecendo uma perspectiva autêntica sobre resistência, ancestralidade e identidade. A fundamentação evidencia a tensão entre apropriação cultural e preservação identitária, mostrando o *blues* como expressão vital da memória e espiritualidade afro-americana, e estabelecendo um paralelo entre a opressão histórica e a figura predatória do vampiro, que busca se apropriar da cultura alheia para suprir sua própria ausência de raízes.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho combina análise qualitativa e interpretativa do filme *Pecadores* (2025), dirigido por Ryan Coogler, com abordagem historiográfica de inspiração marxista. Essa perspectiva permite compreender os processos culturais e históricos de forma crítica, analisando não apenas eventos lineares, mas as relações de poder, exploração e resistência presentes na narrativa cinematográfica e no contexto histórico que ela representa. O primeiro passo consistiu na seleção do objeto de estudo,

considerando elementos narrativos, musicais e performativos que destacam o blues como expressão de ancestralidade e resistência afro-americana. Em seguida, realizou-se a análise temática, enfocando a representação da música, a apropriação cultural e o papel dos personagens na construção de espaços de preservação cultural. Foram examinados elementos visuais, sonoros e narrativos, articulando-os ao contexto histórico da segregação racial no Mississippi, às práticas musicais afro-americanas, como *spirituals* e *work songs*, e às estratégias de afirmação identitária. A análise também se apoiou em revisão bibliográfica especializada, priorizando autores negros que discutem sua própria cultura e história, como Samuel A. Floyd Jr., Amiri Baraka e Zora Neale Hurston, assim como teóricos da apropriação cultural e das relações de poder, como George Lipsitz e James O. Young. Essa triangulação possibilitou interpretar o blues como prática cultural vital, refletindo memória, espiritualidade e resistência, e compreender os impactos da apropriação cultural sobre a identidade negra. Por fim, a metodologia integrou análise cinematográfica e crítica histórica, permitindo identificar padrões de exploração e resistência, compreender a importância da música como ferramenta de preservação cultural e analisar como figuras externas, como os vampiros na narrativa, exemplificam tentativas de usurpação cultural. Assim, o estudo articula história, teoria social e análise fílmica, oferecendo uma compreensão aprofundada dos processos de apropriação e preservação cultural abordados pelo filme.

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

Em *Pecadores*, os protagonistas vivem momentos de liberdade apenas temporários, presentes nos espaços de música e dança que criam para si. Esses instantes, ainda que breves, são intensos, carregados de expressão, pertencimento e afirmação identitária, mas se encerram rapidamente diante da ameaça constante. Ao escurecer, são predados por vampiros, e ao amanhecer, seriam atacados pela Ku Klux Klan. Essa dualidade evidencia que a autonomia é sempre precária, reforçando a tensão entre prazer, sobrevivência e vulnerabilidade. A presença dos vampiros funciona como metáfora da exploração e da segregação. Ao absorverem a energia vital dos outros, eles simbolizam indivíduos que, por não estarem conectados às próprias raízes, precisam se alimentar da vida e da cultura alheia para existir. Essa dinâmica reflete, de forma alegórica, as consequências da opressão histórica: quando grupos são despojados de suas terras, identidades e culturas, a sobrevivência passa a depender de estratégias de apropriação ou

de dominação, gerando ciclos de exploração que atravessam gerações. O filme evidencia, ainda, que a violência se manifesta de forma múltipla: explícita, com agressões físicas e segregação social; e implícita, com a negação de direitos, a invisibilização da cultura afro-americana e a apropriação simbólica de práticas culturais. A alternância entre momentos de liberdade e perigo constante reforça a compreensão de que a preservação da autonomia cultural exige resistência contínua. Cada instante de expressão, mesmo fugaz, revela o valor da liberdade conquistada e a importância de manter vínculos com a própria história e tradição cultural. A efemeridade desses momentos de liberdade não se limita à narrativa histórica do filme, mas ressoa na contemporaneidade. Estruturas de opressão, embora transformadas, permanecem, seja na marginalização social, na exploração cultural ou na negação da autonomia. O filme convida a refletir sobre a persistência da violência e da desigualdade e sobre como esses fatores moldam a experiência do oprimido, transformando a arte em espaço de resistência e ao mesmo tempo em campo de disputa por identidade. A análise também evidencia que, mesmo sem detalhar todos os aspectos performativos ou musicológicos, é possível compreender que o blues funciona como meio de conexão com memória, história e identidade, mas permanece vulnerável quando confrontado por forças externas estruturadas, seja de natureza simbólica, social ou cultural. A alternância entre risco e liberdade, entre apropriação e preservação, revela a tensão permanente que atravessa a vida dos personagens e, por extensão, a vida das comunidades historicamente marginalizadas. Por fim, a reflexão proposta por *Pecadores* permite compreender que a luta por autonomia, preservação cultural e reconhecimento histórico é contínua. Os padrões de exploração e opressão, explicitados pela narrativa, evidenciam que a liberdade não é um estado garantido, mas uma conquista transitória que demanda resistência e resiliência. O estudo mostra, portanto, que a arte, a música e a memória coletiva são arenas essenciais de disputa cultural e sobrevivência identitária, reiterando a necessidade de valorizar e proteger as práticas culturais das populações historicamente oprimidas, frente às ameaças de exploração, marginalização e apagamento histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, conclui-se que o filme *Pecadores* mostra o *blues* como sopro de liberdade e memória, resistindo à apropriação e à violência durante o período segregacionista. A metáfora do vampirismo revela a precariedade da liberdade diante da

opressão constante, enquanto a música se mantém presente como força vital, ancestral e identitária, cumprindo o objetivo de evidenciar a cultura negra como pulsar de resistência e legado.

Palavras-chave: Cultura; Ancestralidade; Resistência; Cinema

REFERÊNCIAS

BARAKA, Amiri. **Blues People:** Negro Music in White America. New York: William Morrow & Company, 1965.

BAUMAN, Zygmunt. **Culture as Praxis.** London: SAGE Publications, 1999.

BEBEY, F. **African Music:** A People's Art. Londres: Lawrence & Wishart, 1975.

FLOYD, Samuel A. **The Power of Black Music:** Interpreting Its History from Africa to the United States. New York: Oxford University Press, 1995.

HURSTON, Zora Neale. Spirituals and Neo-Spirituals. *In:* GATES, Henry Louis; JARRETT, Gene Andrew (org.). **The New Negro:** Readings on Race, Representation, and African American Culture, 1892–1938. Princeton: Princeton University Press, 2008. p. 65-88.

LIPSITZ, George. **Dangerous Crossroads:** Popular Music, Postmodernism, and the Poetics of Place. London: Verso, 1994.

SINNERS [Pecadores]. Direção: Ryan Kyle Coogler. Produção: Pete Chiappetta; Rebecca Cho; Will Greenfield; Andrew Lary; Anthony Tittanegro. Intérpretes: Michael Bakari Jordan; Hailee Steinfeld; Miles Caton. Roteiro: Ryan Kyle Coogler. Nova Orleans, Donaldsonville, Labadieville e Bogalusa: Proximity Media/Warner Bros Pictures/HBO, 2025. 137 min. (Ação, Suspense, Terror). Filme original da plataforma de streaming HBO Max.

YOUNG, James O. **Cultural Appropriation and the Arts.** Malden: Blackwell Publishing, 2008.